

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS COMO SUPORTE PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: ASPECTOS RELEVANTES

Regiane da Silva Macedo Lima¹

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar dissertações e teses vinculadas à linha de pesquisa “Linguagem, Tecnologia e Educação” do programa de mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, a partir de 1996 a 2007 e possuem com objeto de estudo as novas tecnologias de comunicação no processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa. Tal pesquisa é de caráter relevante devido às grandes mudanças que as tecnologias têm proporcionado à sociedade e ao meio educacional, que chegam até nós em forma de projetos e através do incentivo de vários pesquisadores nesta linha. O trabalho baseia-se nos conceitos do desenvolvimento do ser humana (SANCHO, 1998), tecnologia educacional (PAPERT, 1980; VALENTE, 1993; LINGUORI, 1997; MORAN, 2000), Inteligência Coletiva, Ciberespaço, (LÈVY, 2000, 2007). Através de um banco de teses e dissertações disponibilizadas em sua biblioteca virtual, realizamos um mapeamento das pesquisas e analisamos as que trataram do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. A análise revelou que mudanças realmente positivas em relação aos alunos, características relacionadas ao processo de ensinar e aprender como inibição, desmotivação, falta de interação, colaboração, rendimento, interesse, foram alterados de forma positiva no contexto de uso de novas tecnologias como a Internet e seus vários recursos como: fóruns de discussão, chats, sites de busca e sites específicos. Isso prova mais uma vez que a inclusão de tecnologias no ensino não resolve todos os problemas existentes, mas pode contribuir positivamente, melhorando a qualidade do processo educacional.

Palavras-chave: Tecnologia, Língua Inglesa, Ensino.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo atualmente uma verdadeira revolução da informação. É cada vez maior o avanço e o uso de novas tecnologias para a agilização da atividade humana, e essa é uma realidade antiga, pois desde o início da civilização humana até os dias atuais, o homem desenvolve instrumentos para facilitar o seu trabalho. Com o advento da revolução industrial, que foi uma grande mudança nas formas de produção com as várias invenções, descobrimentos científicos e aperfeiçoamentos técnicos, as indústrias tornaram-se muito mais sofisticadas e muitas atividades manuais foram substituídas por máquinas. Em decorrência desse movimento evolutivo, como era de se esperar, a sociedade contemporânea está impregnada de tecnologias, sem as quais não se pode mais viver, desde um simples telefonema até o caixa eletrônico de um banco. A cada dia que passa, as tecnologias exercem papel essencial na vida das pessoas.

¹ - Graduada em Letras e Licenciatura em Computação pela Universidade Estadual de MS
Professora da Rede Estadual de Ensino de MS

As tecnologias (SANCHO, 1998), são entendidas como instrumentos técnicos ligados ao saber científico e ao serem aplicados na prática, transformamos as atividades humanas, fundamentando assim a ciência. Esses instrumentos se evoluem à medida que o tempo passa, logo chamamos de novas tecnologias os vários instrumentos criados ou modificados recentemente nos séculos XX e XXI. A expansão das tecnologias atinge a todas as esferas da sociedade, no campo social, econômico e político. Sendo assim, é imprescindível acompanharmos as evoluções tecnológicas, já que elas são instrumentos que modificam a nossa própria forma de viver.

A inserção das novas tecnologias como ferramenta educacional, tem produzido várias reações no ambiente escolar, (VALENTE, 1993), desde aqueles que não acreditam em modificações através das tecnologias, até aqueles que depositam nelas a solução para os problemas educacionais. Há aqueles que afirmam que as “máquinas” desumanizam o ensino, outros acreditam que elas causarão um milagre dentro do processo educativo.

Dentre muitas outras afirmações, digamos que estas caracterizam os extremos, pois afirmar que os computadores desumanizam o ensino é considerar a relação humana inferior a eles. E as tecnologias por si só, não resolverão problema algum, pois as raízes das deficiências na educação, passam por muitas outras esferas e vem desde a política social implantada para a mesma. O computador é um objeto importante na vida do aluno, mas levar somente isto em consideração pode fazer com que o educador deduza que a introdução do computador na educação limita-se apenas a aprender sobre o computador e não através do computador, desprestigiando a gama de recursos que este instrumento pode nos oferecer.

Observamos isso em algumas práticas pedagógicas, que utilizam as tecnologias, em especial os computadores, de uma maneira tecnicista, ou seja, ensinam-se os aspectos operacionais da máquina. (AGUIAR; LEITE; POCHO; SAMPAIO; 2000). Esse procedimento visa apenas formar um profissional com as exigências do mercado de trabalho atual. Desta forma, não estamos colaborando para que o indivíduo possua uma aprendizagem significativa ele continuará sendo passivo e não desenvolverá as capacidades críticas para identificar as ideologias presentes nos vários segmentos da sociedade.

As tecnologias precisam significar para o professor muito mais do que um recurso didático, elas devem ser vistas como instrumentos metodológicos ou ferramentas educacionais. (VALENTE 1993). Ao considerá-las como recurso didático, classificaremos como mais um material disponível para instruir ou transmitir conhecimentos.

Mas a partir do momento que enxergamos como ferramenta ou instrumento metodológico, estamos propiciando ao aluno a oportunidade de construir seu próprio conhecimento, relacionando o espaço da sala de aula com a vida social e com o mundo. Partindo desta descrição do que é tecnologia, sua evolução e a forma de como ela é e precisa ser vista na educação, meu objetivo com este artigo é analisar os trabalhos científicos vinculados à linha de pesquisa “Linguagem, Tecnologia e Educação” do Programa de mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, de 1996 a 2007 que possuem como objeto de estudo o uso das tecnologias no processo de ensino aprendizagem de língua inglesa e verificar os resultados apontados pelos pesquisadores.

TECNOLOGIA

Todo ser vivo realiza atividades e processos para manter a sua vida e buscar a sua própria satisfação, utilizando meios disponíveis ou construindo algo que não é encontrado, ocasionando assim um reajuste ou uma readaptação do ambiente e do próprio ser vivo. De acordo com Sancho (2001) podemos dizer que essa capacidade de criar é uma técnica na qual o ser humano utiliza a arte para obter uma realização material.

O conceito de tecnologia foi se evoluindo conforme o tempo, e assim construindo o seu atual sentido. Para os gregos, os termos *téchne* e tecnologia eram semelhantes e entendidos como a arte, no sentido de construir algo, envolvendo todo o processo desde o autor da criação do objeto até os valores de utilidade, objetivos e finalidades. Heródoto² traz uma primeira conceituação do termo *téchne*, como um saber fazer de forma eficaz, o mesmo que dizia Aristóteles³, “a tecnologia não é um simples fazer, é um fazer com logos (raciocínio)”. (SANCHO, 2001, p28).

Resenblueth (1980, p206-208), “define um corpo de conhecimentos como uma tecnologia quando é compatível com a ciência coetânea³ e controlável pelo método científico e é empregado para controlar, transformar ou criar coisas ou processos naturais ou sociais”.

Nesse sentido, tecnologia é tudo aquilo que envolva raciocínio, coerência com a ciência atual e utilidade nas atividades humanas. O mesmo afirma Sancho (2001, p29) “A tecnologia configura-se como um corpo de conhecimentos que, além de usar o método científico, cria e/ou transforma processos materiais”. Desta forma, concordamos com Lopes nesta afirmação que fez em uma palestra no encontro da APLIEMS em 2007: tecnologia só é tecnologia “quando se aplica ao planejamento, à construção e à utilização”. (LOPES, 2007). Assim podemos citar várias tecnologias desenvolvidas com o passar do tempo: linguagem, escritura, escola, formas de organização do trabalho, etc.

No período da industrialização, com o aumento das habilidades naturais do homem, da produção maciça de técnicas e meios de comunicação, a tecnologia passa então a ser vista como progresso, alterando profundamente a vida do ser humano (SANCHO, 2001). Com o crescimento desse progresso, chegamos atualmente às novas tecnologias de informação e comunicação:

Novas tecnologias de informação e comunicação (NTI), correspondem aos recursos que permitem o trânsito de informações, provenientes de diferentes meios de comunicação, seja rádio, televisão, jornal, revista, livros, fotografias, computadores, gravação de áudio e vídeo, entre outros. (LOPES, 2005, p.38 apud SUANNO).

Esses novos recursos estão provocando inúmeras transformações no mundo contemporâneo, modificando o modo de agir, de pensar, de aprender e também de ensinar, redimensionando assim a própria relação humana.

Nesse contexto, percebemos a grande automação industrial, a informatização de serviços administrativos e financeiros, a produção de aparelhos de comunicação cada vez mais sofisticados e a utilização destes em todas as áreas, configurando uma nova relação econômica, de trabalho e de comunicação. (AGUIAR; LEITE; POCHO; SAMPAIO, 2000).

A dimensão das tecnologias vai eliminando, gradativamente, as fronteiras físicas e temporais, facilitando a troca de idéias, negociações, causando uma maior rapidez e ampliação da produção, constituindo-se em um fator essencial para as relações de trabalho na sociedade.

² Historiador Grego

³ Filósofo Grego

TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Quando falamos em relação de trabalho, logo pensamos em educação, pois desde primórdios do ser humano, o trabalho foi e continua sendo o seu princípio, pois além de ajudá-lo a construir a sua própria existência, proporciona a ele maneiras de aprender, sendo considerado também como um fator educativo.

Levando isso em consideração, e observando as transformações ocorridas na sociedade contemporânea com os avanços tecnológicos, podemos afirmar que a educação também se modifica (ou deveria), já que faz parte desse contexto atual.

E quando fazemos essa relação, compreendemos que se as tecnologias transformam a vida em sociedade, deveria ser usada para transformar a vida do aluno, pois esse está inserido no meio social, e um dos objetivos pregados pela educação é a promoção de um processo permanente de aprendizagem para o aluno (MORAN, 1998). Nessa perspectiva, vêm sendo realizadas várias pesquisas no campo da tecnologia educacional, como elas podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizado, transformando também esse meio e trazendo novas formas de aprendizagem. Segundo Joly e Silveira (2003): “Tecnologia educacional refere-se tanto a um instrumento a serviço do ensino e aprendizagem designado como recurso tecnológico quanto às mudanças que se processam no aprendizado, envolvendo teoria, pesquisa e desenvolvimento de recursos físicos, mentais e comportamentais”.

Ou seja, são instrumentos que modificam a vida do aluno em todos os aspectos, proporcionando a ele o alargamento do espaço de ensino-aprendizagem, até então restrito à sala de aula. No entanto, nem sempre foi essa a característica da tecnologia educacional. Nos anos 60 do século XX, período em que surgiu no Brasil, a tecnologia educacional tinha como principais metas a eficiência e a produtividade no mercado de trabalho (AGUIAR; LEITE; POCHO; SAMPAIO, 2000). Entende-se que a inclusão de tecnologia na educação visava apenas formar profissionais com habilidades técnicas para lidar com as máquinas e assim dispor de “peças competentes” no sistema de produção.

Somente nos fins dos anos 70 e início dos 80 do século XX, é que começa a surgir uma reflexão mais crítica a respeito do uso das tecnologias no ensino, e foi em 1981, que a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, trouxe esse novo conceito: “A tecnologia educacional fundamenta-se em uma opção filosófica, centrada no desenvolvimento integral do homem, inserido na dinâmica da transformação social; concretiza-se pela aplicação de novas teorias, princípios, conceitos e técnicas num esforço permanente de renovação da educação”.(ABT, 1981, p17)

A partir do momento em que se pensa a inclusão tecnológica relacionada com os problemas educacionais, verificando o impacto da mesma sobre ela, inicia-se então vários questionamentos a respeito das formas de utilização das tecnologias. Díaz Barriga (1994) afirma que o objetivo dessa nova visão foi o de procurar solução pra os problemas educacionais, utilizando os recursos tecnológicos como contribuinte para essa finalidade.

Existem várias formas de usos de tecnologia no processo educacional, mas o que se questiona é a qualidade dessa utilização, assim como destaca Sarramona López (1994) ao definir tecnologia educacional como a relação entre o processo de ensino-aprendizagem com as técnicas, atentando para sua incorporação adequada. Dentre as várias tecnologias usadas no processo educacional, neste trabalho nos referimos especificamente ao uso do computador, as tecnologias de informação e comunicação representada pela Internet, e os softwares educacionais. Faremos inicialmente um breve apanhado sobre os principais softwares disponíveis para o ensino.

Sabemos que para utilizarmos o computador na educação, além de muitos outros recursos importantes, é necessário dispor de softwares educacionais, pois sem eles não há como dar ao computador um caráter educacional. Valente (1993) destaca duas principais formas de inclusão de computadores no ensino: tanto serve para ensinar sobre ele, quanto para ensinar por ele outros conteúdos. Quando o computador é visto como objeto de estudo, a finalidade é fazer com que o aluno aprenda aspectos computacionais referentes à máquina. Quando o computador é utilizado para ensinar conteúdos, é como utilizar o novo para disfarçar o velho, o aluno continua desempenhando o seu papel de passivo e o computador, de instrutor ou transmissor de conhecimento.

Segundo Linguori (1997), o uso de computadores no ensino de acordo com estas maneiras citadas por Valente, teve início em 1940, com a máquina de ensinar de Skinner, baseada no princípio psicológico do comportamento, no qual o ensino era tido como um programa de reforços.

Atualmente, o software educativo denominado tutorial também segue essa teoria. Nesta modalidade, o programa é que instrui, transmitindo ao aluno a informação, seguida de questões, geralmente de múltipla escolha (LINGUORI, 1997). De acordo com Valente (1993), este modo também é conhecido como instrução programada. Outra forma que caracteriza o uso do computador como máquina de ensinar é a modalidade de exercício e prática, (nota-se que há uma semelhança entre as modalidades), nesta o aluno resolve exercícios, corrige os erros e avalia seu grau de aprendizagem através dos erros e acertos. Linguori (1997, p8), afirma que: “Esta modalidade do computador no ensino foi concebida como um complemento do ensino a cargo do docente, para favorecer sua assimilação”.

Há também a demonstração, mais específica para gráficos e numéricos, nesta o aluno pode visualizar muitas variáveis dentro de um processo, como por exemplo, o processo de uma dieta, pode se verificar aspecto como a idade, o peso, a estatura, etc.

Os jogos são os que mais prendem os alunos, por serem jovens e a maioria já estar acostumada com videogames. Segundo Linguori (1997), eles auxiliam no desenvolvimento da habilidade cognitiva do aluno, além de possuírem um caráter pedagógico. Não se pode negar que os jogos ajudam e muito na compreensão de conceitos, mas concordamos com Valente (1993, p10) quando afirma que: “O grande problema com os jogos é que a competição pode desviar a atenção da criança do conceito envolvido no jogo”.

Além de todas essas modalidades, existem também as linguagens de programação e as ferramentas polivalentes. As linguagens de programação segundo Valente (1993), são formas pelas quais nós nos comunicamos com o computador, dentre várias se destaca a linguagem

Logos, de caráter educacional, usada para a construção de figuras geométricas. Já as ferramentas polivalentes, são os processadores ou editores de textos, banco de dados, programas de gráficos, planilhas, etc. Elas auxiliam na organização, processamento, transmissão de informação, entre outros.

Essas formas têm um grau de importância maior, pois elas mudam de foco, o computador passa de máquina a ensinar para um auxiliador na construção do conhecimento. O que afirma Valente (1993, p.3) “O computador não é mais um instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve algo, e, portanto, a aprendizagem ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador”.

Essas formas de inclusões dos computadores e softwares na educação podem contribuir para a união do que acontece fora do ambiente escolar com o ensino, tornando-o mais contextualizado. Contudo, é importante salientar que as mudanças no

processo de ensino, não dependem exclusivamente dessa utilização, mas de uma série de aspectos, como as características próprias de cada lugar, cultura, objetivos e finalidades. O que torna importantíssimo fazer uma reflexão sobre como e porque o uso do computador no ensino

(VALENTE, 1993). Essa reflexão resulta em ações, que vão transformando a forma de enxergar a inclusão tecnológica no ensino e vai construindo a essência da tecnologia educacional, colocando em xeque todas essas questões que permeiam o processo de ensino, desde as abordagens utilizadas, aos sérios problemas de estrutura econômica referentes à educação.

INCLUSÃO DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

A tecnologia educacional surgiu no Brasil com o apoio e o interesse de algumas Universidades brasileiras, motivadas pelos resultados que já aconteciam em outros países, como na França e nos Estados Unidos. No entanto apesar dessa mudança de visão quanto ao uso das tecnologias, tanto no Brasil como nesses países, as tecnologias, particularmente os computadores eram usados meramente como transmissores de conteúdo (VALENTE 1999).

Nos Estados Unidos a inclusão dos computadores na educação, não dependia das decisões governamentais e sim dos avanços tecnológicos.

Apesar de serem países distintos, a inserção não foi diferente do que aconteceu no Brasil. No início dos anos 60, programas de softwares educativos foram introduzidos nos computadores, nascendo dentre muitos, a chamada instrução auxiliada por computador ou (CAI), obtendo um maior destaque.

Tavares (2002), a define como: “Instrução auxiliada por computador: consiste, normalmente, em um software preparado para fornecer informações sobre determinado assunto curricular e avaliar a aprendizagem deste conteúdo através de teste de múltipla escolha”.

Dentre vários se destacam programas tutoriais, demonstrativos, jogos educativos, etc. Surgiram também novas linguagens para os computadores na educação, as quais tinham como objetivos auxiliar na resolução de problemas, produções textuais e outros, mas o que mais se destacou nessa modalidade foi a linguagem logos voltada para o desenvolvimento do raciocínio-lógico do aluno. Na França a inserção tecnológica na educação também foi similar, iniciou-se com a produção de softwares educativos e o investimento em mão-de-obra “qualificada” sendo realizados vários cursos de capacitação de professores.

A informática na educação brasileira é marcada por volta da década de 1970, com algumas experiências realizadas pelas principais Universidades do país: UFGS, UFRJ, UNICAMP, UFMG, UFPE. No ano de 1975 foi produzido pelo PREMEN/MEC, programa de reformulação do Ensino, o documento de introdução de computadores no 2º grau. Mas somente com os seminários nacionais de Informática ocorridos respectivamente nas Universidades de Brasília e Bahia, é que foi oficialmente implantada a informática na educação.

Esses seminários originaram o EDUCOM, programa de atuação para a implantação de computadores. O projeto Educom, de acordo com Moraes (1997), foi “o documento referencial que resgata a história e consolida os diferentes fatos que caracterizam a cultura da informática educativa existente no país”. O projeto tinha como metas incluir softwares educativos e o computador para a resolução de problemas e a interdisciplinaridade do corpo docente. (VALENTE, 1999). Em 1997 surge o

PROINFO (Programa Nacional de Informática na Educação) com o propósito de disseminar a informática em toda rede de ensino do país.

Este projeto tem uma visão mais profunda a respeito da inclusão tecnológica, não a enxergando como simplesmente “informatização do ensino”, mas como a introdução de ferramentas capazes de ensinar, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa nova fase, leva-se em consideração, a união da informática com as recentes tecnologias de telecomunicação, aumentando as possibilidades de uso do computador. (TAVARES, 2002).

Apesar dos resultados dessa inclusão terem sido satisfatórios, em questão de quantidade, a mudança na educação precisa acontecer de forma mais ampla, dando destaque para a formação tecnológica do professor, vista não somente como a capacidade de dominar o computador, trabalhar com o software, mas sim considerá-lo como seu auxiliar no processo de construção do conhecimento de seu aluno.

Além desses há um projeto recente que está em andamento chamado “um laptop por criança” criado no ano de 2005 por Nicholas Negroponte e seus colaboradores, como Seymour Papert. Embora o projeto ainda esteja em andamento, já se observa uma grande polêmica em relação aos seus reais objetivos. Para Setzer (2007) apesar de o autor afirmar que o projeto tem caráter excepcionalmente educacional, não se encontram evidências que o comprovem, salientando que o mesmo possui caráter comercial.

AMBIENTE DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Antes de iniciar a análise caracterizo o ambiente em que desenvolvi minha pesquisa. A escolha da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) deu-se pelo importante referencial que a Universidade representa na história do país. Teve participação ativa no processo de redemocratização do país, sendo a primeira Universidade a eleger seu reitor pelo voto direto.

Seu programa de Mestrado e Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), criado em 1970, também é de grande relevância por priorizar pesquisas na área de tecnologia educacional e por ser o primeiro no país a oferecer a formação *strictu-sensu*.

Com o levantamento das pesquisas desenvolvidas desde 1996, vinculadas à linha de pesquisa “Linguagem, Tecnologia e Educação” do programa de mestrado e doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, constatamos que trinta e três, dentre teses e dissertações, tratam do uso de tecnologias na educação. Sendo que, trinta e uma têm como objeto de estudo, a relação entre a formação do professor e as tecnologias e o ensino à distância e, para nossa surpresa, apenas duas tratam da relação aluno/tecnologia, ou seja, o que acontece com o aluno, quando utilizam as novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Esta escassez nos ressalta a necessidade de se realizar mais pesquisas nessa linha, focando, principalmente, o processo de ensino-aprendizagem, pois apesar da inclusão estar acontecendo há alguns anos, vinda com a implantação de vários projetos como o PROINFO (1997), concordamos com Valente (1993) quando afirma que não ocorreram mudanças realmente profundas no processo de ensino-aprendizagem, não ultrapassando a barreira do simples vislumbamento com o novo, desta forma as mudanças não são propagadas, demonstrando que enquanto as de novas tecnologias de comunicação, especificamente a Internet e seus recursos forem vistos apenas como objeto estudo ou

máquina de ensinar, conseqüentemente não haverá relatos de mudanças positivas no processo de ensino aprendizagem.

Mas quando tais instrumentos forem vistos como ferramentas capazes de auxiliar na construção do conhecimento pelo indivíduo, como afirma teóricos como Valente (1993), Pierre Lévy (1999), as mudanças no processo educacional podem ser notadas, ultrapassando o simples encantamento e proporcionando novas formas de adquirir o conhecimento. É o que nos mostra estas duas pesquisadoras, com o trabalho realizado com seus alunos, demonstrando que quando se possui essa visão a respeito das novas tecnologias, mudanças podem acontecer. É devido a essa constatação que nos propusemos a analisar apenas as duas pesquisas e esclarecemos que tratam de duas dissertações de mestrado, defendidas nos anos de 2000 e 2002 respectivamente.

As dissertações são: “Interação na aula de inglês oral: em sala de aula e em laboratório de informática” de Maria Cristina Paniago Lopes, mestrado defendida em 2000, e “O computador na aula de inglês no ensino fundamental: o interesse dos alunos e a elaboração de tarefas baseadas em gênero”, de Eliane Andreoli dos Santos, mestrado, defendida em 2002.

Considerando que o aluno, e não o professor em formação, é o elemento principal de nosso trabalho, nos propusemos, mesmo assim, a realizar uma análise com apenas estas duas dissertações, a fim de buscar dados relevantes para a questão da inclusão tecnológica no ensino regular, analisando também como está ocorrendo à aprendizagem com o auxílio desses novos instrumentos. E diante disso, traçar novos caminhos para futuras pesquisas na linha de pesquisa linguagem e tecnologias.

Considerando que os objetivos das pesquisadoras era trabalhar o processo de ensino aprendizagem de língua inglesa com o auxílio das novas tecnologias, focando um objetivo específico, parto para a análise dos resultados.

Lopes (2000) ao comparar as duas instâncias onde acontece a interação da aula de inglês oral, que é a sala de aula tradicional e no laboratório de informática percebeu que ela acontece de forma mais desinibida pelos alunos no laboratório de informática do que em sala de aula.

“Os alunos, no contexto da Internet, pareceram mais desinibidos em suas práticas, do que na sala de aula tradicional. Houve menos pedido de ajuda ao professor e, quando isso acontecia, o professor apenas respondia, sem que houvesse necessidade do professor iniciar um novo tópico de conversação”. (LOPES, 2000, p112).

Como se observa nesta fala:

Whats the problem, really? (GE) / The problem... é... (G)4 /...Whats this whinny? (GE)5/ Its shout, cry, complain... (Professor) / I understand... My daughter is... (G)/ She is a... (GE)/...a baby...a baby... and four months... (G).

Além de a interação ser maior do que no contexto de sala de aula, mesmo as carteiras estando em semicírculo: Detectei que a disposição da sala de aula também pode ter influenciado a interação dos alunos. Na sala de aula, mesmo as carteiras estando em semicírculo, a minha intervenção como professora era maior, do que quando os alunos, no laboratório, estavam posicionados de frente ao computador e de costas para mim. Isso pode não ter influenciado apenas aos alunos, mas também a mim. Talvez tenha me afastado um pouco das interações entre os alunos, por achar que não estava

sendo requisitada, ao mesmo tempo em que os alunos podem ter achado que não deveriam chamar-me por estar afastada. (LOPES, 2000, pg112).

Outra diferença é que na sala de aula o aluno dava mais informação do que pedia informação. Já na Internet as duas formas se complementavam. Além do que na sala de aula o assunto sempre se esgotava e a professora iniciava com um novo “input” não permitindo que a conversação finalizasse, tendo a função de iniciadora. Mas no laboratório de informática, sua função passava de iniciadora para respondedora, pois os assuntos raramente finalizavam não necessitando de novos “inputs”.

A interação na sala de aula tradicional esgotava-se e havia a minha interferência, colocando um novo input para tentar reiniciar a conversação. Em relação às funções de fala, desempenhei mais a função de iniciar no contexto da sala de aula tradicional, sendo que, no contexto de uso da Internet desempenhei mais a função de fala de respondedor. (LOPES, 2000, 113).

Um aspecto semelhante identificado nos dois contextos, é que para assegurar a comunicação os alunos utilizam exemplos de sua própria vida e a língua materna para a solução de problemas que surgem na comunicação. Predominando a utilização desta, no ambiente da informática. Percebe-se que a interação ocorre de forma mais colaborativa com o uso da Internet, apesar de ter também uma característica pessoal, pois os alunos trabalham em seu próprio ritmo, e ainda que seguissem um roteiro de atividades, o conciliava com seus objetivos pessoais. É o que acontece neste fragmento de fala, quando uma aluna relata o que seu marido pensa, quando precisa falar sobre sexo com os filhos:

“My husband doesn’t like speak about this... When he was younger, his mother was very hangry when he asked her about sex, marriage... and he nor feel... à vontade... for answering these questions... (E)”. (LOPES, 2000, p.92).

Nos dois contextos, os alunos usaram de paráfrase, língua materna, exemplos das próprias experiências de vida, como recursos para solucionar dificuldades de comunicação. [...] Esse contexto parece ter proporcionado o espírito de cooperação, aquele que fazia com que os alunos partilhassem suas falas, suas experiências, suas opiniões, obtendo, então, uma interação bem próxima daquela que acontece na realidade em que amigos perguntam e respondem a respeito de algum assunto. (LOPES, 2000, p.113).

Os dois aspectos mais importantes que se depreende da utilização de tecnologias pelos alunos são a autoconfiança e a auto-estima, assegurando o interesse do aluno por algo novo, que o motive, que não seja somente para o seu consumo, mas que também o ajude a produzir.

Um fator que deve ser lembrado é a questão da autoconfiança e auto-estima. O aluno no contexto de uso da Internet parece ter mostrado essas características, quando se arriscavam mais sem a interferência do professor, fazendo perguntas ao colega, questionando-se e envolvendo-se na discussão, preocupando-se mais com o conteúdo do que com a forma. (LOPES, 2000, p114). Já na dissertação de Santos (2002), cujo objetivo foi o de desenvolver tarefas baseadas no interesse dos alunos e, a partir disso utilizar o computador e a Internet para realizá-las, constatou-se um fator muito positivo, a familiaridade dos alunos com as máquinas e mesmo aqueles que não tinham contato, logo se acostumaram. “Apesar de 18 alunos (31,6%), não possuírem computador, a grande maioria (54 alunos ou 94,7%), afirmaram saber navegar na Internet e, em

terceiro, a grande maioria dos alunos fazia pesquisas na Internet, participavam de *chats*, jogavam e navegavam em sites de músicas”. (SANTOS, 2002, p.73).

Em sua pesquisa, Santos (2002), tinha como interesse promover a habilidade de leitura, a interação entre professores e alunos e proporcionar o uso do computador. Na Internet os alunos tiveram preferência pelos sites de músicas, pesquisas e salas de bate-papo. Foram trabalhados por escolha dos próprios alunos o tema rock e dados como “input” além de textos impressos, textos em tela e hipertextos direcionados para este tema. A tarefa foi desenvolvida em três momentos: na sala de aula, em laboratório de informática e em sala de vídeo e retroprojeto.

Depois de realizada a tarefa, na qual se buscou conhecer a história do rock através de vários tipos de leituras já mencionadas, destacando que o se pretendia obter era a habilidade de leitura em língua inglesa, foi acessado um fórum e o Chat nos quais, professor e alunos discutiram a tarefa realizada em torno do tema.

Para conclusão dessas atividades, as duplas primeiramente acessaram o fórum, leram as informações coletadas e se interagiram das características e dos expoentes (cantores, bandas e grupos) de cada década. A seguir, as duplas e eu interagimos e trocamos informações sobre as diferentes décadas (características e expoentes), através de uma sala fechada de bate-papo. (SANTOS, 2002, p.78).

Analisando a tarefa, Santos, destaca o aumento da motivação dos alunos, na qual, os próprios alunos afirmavam que a aula tornara-se muito mais dinâmica e imprevisível, não sendo caracterizada somente por leituras em sala de aula e estruturas lingüísticas. O envolvimento atestado pelos próprios alunos deve-se ao fato de as aulas diferirem de “uma antiga aula de inglês”, em que na maioria das vezes, a ambientação era a sala de aula comum, limitando-os à execução de atividades de leituras e de aspectos lingüísticos constantes das unidades do livro didático adotado e que, necessariamente, deveriam ser cumpridos. (2002, p90).

O interesse dos alunos em buscar, pesquisar também fica evidente com na análise realizada pela pesquisadora, pois uma aula em que o professor apenas transmite o conteúdo é denominada pelos alunos de aula “chata”. Como pode ser observado nessa definição de aula chata por uma aluna: “Você fica na sala, só o professor fala e os outros escutam”. Flávia. (SANTOS, 2002, p.96).

Em suma, podemos perceber através desta análise, a predominância de aspectos positivos no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, mediado por novas tecnologias. Considerando que o aluno é o principal elemento desse processo, buscamos ressaltar a importância de priorizar sua relação com os novos instrumentos tecnológicos. Através das dissertações escolhidas e das experiências vividas pelas pesquisadoras com seus alunos, percebemos que o uso dos novos instrumentos tecnológicos, tal como a Internet e seus recursos, dentre eles os *chats* (bate-papo), correio eletrônico (*e-mails*), fóruns, *sites* de buscas, possibilitou o desenvolvimento de uma aprendizagem muito mais significativa, pois podemos identificar a alteração positiva de diversas variantes que permeiam o processo de ensino-aprendizagem, como, inibição, desmotivação, falta de interação, ausência de confiança e auto-estima.

A junção desses fatores com a disposição das pesquisadoras proporcionando aos seus alunos uma nova forma de conceberem a aprendizagem, priorizando em primeiro plano seus próprios interesses, demonstrou que, em meio a tantos problemas que envolvem a educação e o processo ensino-aprendizagem, ainda é possível melhorá-lo, enxergando às novas tecnologias como mais do que simplesmente objetos de estudo ou modernos transmissores de conhecimento, mas como ferramentas que podem auxiliar na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como salientei no início deste trabalho, as novas tecnologias de informação e comunicação estão redimensionando a vida do ser humano. Tal redimensionamento insere na educação através de projetos desenvolvidos pelo governo e pelo incentivo de vários pesquisadores. Levando em consideração este avanço tecnológico e a mudança de visão destacada por Valente (1993), em relação às tecnologias na educação, de recursos didáticos para ferramentas pedagógicas, realizei um panorama das pesquisas disponibilizadas na biblioteca virtual do Programa e analisei os resultados de duas pesquisas-ação envolvendo o uso de novas tecnologias no desenvolvimento de atividades por alunos de ensino regular.

Pude perceber que poucos trabalhos científicos estão voltados para essa temática e saliento assim a necessidade de se verificar como a inclusão da tecnologia educacional está ocorrendo, qual é a visão que os profissionais da educação estão tendo em relação a elas. No que concerne aos aspectos relevantes identificados na análise, comprovei que a inserção das ferramentas tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa contribui de forma positiva para o desenvolvimento de uma melhor aprendizagem, alterando, significativamente diversos fatores essenciais para este processo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR. M. M; LEITE. L. S; POCHO.C. L. & SAMPAIO. M. N. **Tecnologia Educacional**; Mitos e possibilidades na Sociedade Tecnológica. In: Revista Tecnologia Educacional – v29 (148) jan-fev-mar-2000.

DÍAZ. B. A. **Currículo & Tecnologia educativa**. Exposição feita no Seminário internacional sobre “*Tecnología educativa em el contexto latinoamericano*, México, 1994”.

JOLY, M. C.R. A. & SILVEIRA. M.A. **Avaliação preliminar do questionário de Informática Educacional (QIE)**. Psicol. Estud. Maringá, V.8-n-1,2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php? Script = sci_arttext & pid = s1413-73722003000100011 & Ing = pt & nrm = 150 >. Acesso em: 12 de julho de 2007. Pré-produção.

LÉVY, P. **A Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 6ª reimpressão, 2007.

LINGUORI, L. M. **As novas tecnologias da informação e comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais**. In: Litwin, E. (org). Tecnologia educacional: política, histórias e propostas. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

LAEL. **Teses e dissertações.** Disponíveis em: < http://www.pucsp.br/pos/lael/laelinf/def_teses.html>.

SANTOS. E.A. **O computador na aula de inglês no ensino fundamental: os interesses dos alunos e a elaboração de tarefas baseadas em gênero.** 2002. Trabalho de conclusão de curso (mestrado) 2002. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. São Paulo. 2002.

LOPES. M. C. P. APLIEMS, “**Ensinar e aprender línguas numa sociedade digital**” Associação dos professores de língua inglesa do Estado de Mato Grosso do Sul (APLIEMS) 23. Junho. 2007.

LOPES. M.C.P. **Formação Tecnológica de professores e multiplicadores em ambiente digital.** 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

LOPES. M.C. P. **Interação nas aulas de inglês oral: em sala de aula e em laboratório de informática.** 2000. Trabalho de conclusão de curso. (mestrado) 2000. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2000.

MORAES, M. C. **Informática Educativa no Brasil: Uma história vivida, algumas lições aprendidas.** Disponibilizado em:< <http://www.edutecnet.com.br/edmcand.htm>> acesso em: 28/julho/2007.

MORAN, J. M.MASSETO, M. & BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** São Paulo, Papirus editora, 2000.

PAPERT. S. **Uma vida dedicada à inclusão digital.** Revista multirio. Ano 3.nº 30. 2005. disponível em: < http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/revista30.pdf>.

RESENBLUETH, A.E. **Tecnologia y filosofia.** Em: M. B. Epistemologia Barcelona. Ariel. 1980

SANCHO, J. M. **Para uma Tecnologia Educacional.** Trad. NEVES. B.A. Porto Alegre. Artmed. 1998.

SETZER. V. M. “**Considerações sobre o projeto “Um laptop por criança”** 08-04-2007 Disponível em:< <http://www.ime.usp.br-vmsetzer>>; acesso em: 20-junh-2007.

TAVARES, N. **História da Informática Educacional no Brasil:** Observada a partir de três projetos públicos. Faculdade de Anhambi. Morumbi-SP. 2002.

VALENTE. J. A. **Por que o computador na educação.** In: Valente J. A. (org). *Computadores e conhecimento: Repensando a educação.* Gráfica Central da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1993.

VALENTE. J.A. **Visão Analítica da Informática na Educação no Brasil:** A questão da formação do professor. 1999. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/sbcie/revista/nr1/valente.htm>>. Acesso em: 25/07/2007.

Recebido em março 2013

Aprovado em junho 2013